

Geografia e Literatura- a poética dos cantos sertanejos de Patativa do Assaré

Maria Geralda de Almeida

Instituto de Estudos Sócio-Ambientais-IESA

Universidade Federal de Goiás

mgdealmeida@gmail.com

1.Introdução

Poucos são os geógrafos que abordaram a literatura em seus estudos. Todavia, os estudos de obras literárias com interesse geográfico não são recentes. Os geógrafos que procuram fazer a geografia literária têm-se interessado, sobretudo, pela representação da realidade geográfica, pela expressão de um imaginário dos lugares ou de uma outra maneira de habitar, poeticamente, o espaço nas palavras de Tissier (1992).

A grande maioria dos geógrafos, quando se interessou pela literatura, foi dominada por reflexões sobre a representação literária da realidade geográfica, isto é, o valor documental ou pedagógico do texto literário para a geografia, o valor fenomenológico pela transcrição da experiência dos lugares ou o valor do reflexo das condições materiais de produção.

A linguagem literária tem a particularidade de comunicar aspectos da realidade ou fatos e tempos da experiência humana. Revela, pois, a visão e posicionamento do escritor frente ao mundo. Colaboram com esse pensamento Bouerneuf e Quellet (1976,p. 29-30;32) quando afirmam que, no romance, “o romancista coloca-se entre o leitor e a realidade que lhe quer mostrar e interpreta-a para ele [...]. De modo geral , o romance atua sem cessar na fronteira ambígua do real e da ficção”.

No caso da geografia, a linguagem literária ganha, também, outros significados e é por isso que se faz necessário distinguir, neste texto, o que se entende por geografia literária e geografia da literatura. *Grosso modo*, para Brosseau (2002)

a geografia da literatura se interessa pelo contexto da produção da obra, melhor dizendo, o que se encontra *hors-texte*, tanto a montante (condições de produção da escrita) como a jusante (divulgação, repercussão no meio acadêmico e do mercado, comercialização, prêmios...) . Já a geografia literária tenta, preferencialmente, fornecer uma interpretação do texto literário, baseando-se em categorias, conceitos e análises geográficas e até o aspecto social é incorporado. Este texto propõe uma apreciação da poesia de Patativa do Assaré em que serão combinadas uma geografia da literatura com uma geografia literária.

Antonio Gonçalves da Silva, nasceu em 05 de março de 1909 no Sítio Serra de Santana, no município de Assaré, com pouco mais de 20.000 habitantes, no Norte da Chapada do Araripe no Sertão Cearense. O epíteto Patativa, é uma alusão a um pássaro de canto melodioso, depois acrescido de Assaré, quando surgiram outros Patativas também violeiros. O texto impresso de Patativa guarda as marcas da oralidade: sílaba que se dilata ou se contrai, das síncopes e elipses dos poemas que não escondem a origem do poeta. É uma poesia que se destaca, sobretudo, pela musicalidade.

Apropriado pelos conservadores que viam nele a manutenção de tradições e, simultaneamente, por aqueles que viam na sua fala poética os ecos de uma sociedade mais justa que desejavam construir sobre os escombros da velha ordem, Patativa fez questão de manter sua posição privilegiada de poeta.

Patativa sempre cantou as coisas de sua terra, do seu sertão. Se apresentava dizendo “sou um caboco rocêro, sem letra e sem instrução; o meu verso tem o chêro/Da poêra do sertão”(“Aos poetas clássicos”, ASSARÉ, 2004, p.19). Conforme bem expressou Carvalho (2002), Patativa do Assaré foi uma espécie de intérprete do sonho, utopia, esperança e sofrimento do homem sertanejo, das coisas da natureza, o cotidiano do trabalho e das relações sociais, ele afinou o seu canto nesta perspectiva. Como homem do Sertão, vivenciou, experimentou e interpretou o sertão nos seus cantos até a idade de 93 anos, quando morreu, em 8 de julho de 2002.

A partir da poesia de Patativa do Assaré, a discussão a ser feita evidenciará as relações entre os lugares, com o espaço vivido e aquelas do

meio social do poeta na medida em que elas poderão fornecer elementos de uma compreensão espacial

da poesia, assim como o papel dos lugares na vida do poeta e de suas poesias.

Resumidamente, o que será feito é uma breve síntese da contribuição dos poemas de Patativa do Assaré para compreender e interpretar o Sertão e seus significados. O que se intenta com este estudo é sinalizar que a obra de Patativa do Assaré, como objeto, e as “opiniões” dele sobre as relações entre o poeta e os seus poemas, como sujeitos, são susceptíveis de provocar outras formulações de questionamentos e entendimentos. Patativa do Assaré visto, portanto, como um estudo de caso e, também, interlocutor.

2. “Eu canto o Sertão querido, a fonte dos meus poema” (“Vida Sertaneja”, ASSARÉ, 2004, p.76)

A Serra de Santana e o Sertão são constitutivos do *habitus* de Patativa do Assaré. Nas palavras de Bourdieu (1992) o *habitus* seria este conjunto coerente e relativamente durável de disposições e do qual o indivíduo é formado pela interiorização mais ou menos consciente das maneiras de se conduzir e de ver o mundo próprio a um grupo e a um meio. É, sobretudo, devido à sua visão de mundo e da experiência no Sertão que Patativa extrai o seu capital cultural, que é a originalidade de sua obra e compensa, além disso, a ausência relativa de capital econômico.

Geograficamente, o termo sertão refere-se aos chamados sertões nordestinos – desde norte de Minas Gerais abrangendo os estados centrais do Nordeste até o Piauí – e o sertão brasileiro considerando os estados de Minas Gerais, de Goiás, de Mato Grosso do Sul e parte de Mato Grosso.

Para Espínola (2004, p.2) “não existem limites rígidos determinando onde começa e acaba o sertão, mas linhas que se movimentam conforme as circunstâncias. O sertão foi território que se expandiu e se contraiu”. São, portanto, vários os sertões, conforme nos diz Guimarães Rosa (1968).

Esta concepção do “sertão/espço não existe em si mesmo, mas unicamente através de um conjunto de efeitos ou de interações que ele engendra” é também afirmada por Almeida (2003, p.74). Ainda em consenso

com essa análise, Espindola (2004, p.3) também destaca que o “sertão foi um discurso sobre espaços e pessoas, uma construção simbólica com fins determinados”. Almeida, em 2003, já enfatizava que “a construção discursiva sobre o sertão espelha a maneira como ele é pensado e uma maneira específica de ‘ver’ o mundo” (2003, p.71).

Quem construiu um olhar ficcional sobre a representação sertaneja da sociedade criadora de gado do norte de Minas, sobre a sua cultura e a sobre sua identidade regional foi o Guimarães Rosa. Em *Grande Sertão: Veredas*, esse autor faz uma leitura do Brasil sertanejo e, contando a saga de Riobaldo, emprega o narrador da história para afirmar que a sociedade sertaneja se caracteriza como sendo “de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias [...] e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons...” (1968,p.15). Rosa (1968) retrata, alegoricamente, a maioria da população brasileira, trazendo para o primeiro plano os marginalizados da história econômica do nosso país, conforme argumenta Bolle (2000). A representação construída por Rosa mostra, geralmente, a submissão dos vaqueiros em relação à fazendeiros fortes, e quando ousados a derrota os fustiga. Segundo Costa (2005),o *Grande Sertão:veredas* não permite compreender a multiplicidade de identidades existentes no interior da sociedade sertaneja. .

Historicamente,quando o Sertão principiou a adquirir importância econômica, fins do século XVIII, fortaleceu-se o interesse para, a partir de Olinda (Pernambuco) e Bahia, ampliar o conhecimento e o processo de ocupação das áreas sertanejas, integrando-o à colonização portuguesa. Na opinião de Andrade (1986), tais movimentos comandaram a arremetida para os Sertões na busca de terra para a criação de gado, refletindo a demanda de animais para engenhos e para o abastecimento dos centros urbanos em crescimento.Com a doação de sesmarias, facilitou a pecuária praticada em grandes áreas e a formação de explorações extensas.Embora outras categorias tenham participado da ocupação, o Sertão tem no vaqueiro um dos agentes precursores do povoamento. É ele que, na lida com o gado criado na caatinga, mata agreste e espinhosa boa parte do ano, convive com a

agressividade dessa vegetação e os mandos e exploração dos fazendeiros proprietários. Menezes (2007) descreve que, para adentrarem-se na caatinga, os vaqueiros montados sobre seus cavalos usavam chapéu e guarda-peitos de couro, gibões, perneiras e protegiam o cavalo também da vegetação nativa com largos peitorais e protetores de cabeça. Autores como Euclides da Cunha (1999), em *Os Sertões*, abordaram essa representação do vaqueiro e sua lida.

Ainda conforme Menezes (2007), indo até meados do século XX, além do criatório de gado praticado por grandes proprietários, os pequenos produtores sertanejos, naquelas terras de pouca pecuária e nas chapadas mais elevadas, dedicavam-se ao cultivo de milho, feijão, mandioca e algodão. Com isso abasteceram as grandes propriedades e a população urbana local que crescia. Para tanto, aqueles que não possuíam área suficiente estabeleciam com o grande proprietário uma relação indireta no uso da terra, pagando em renda-trabalho e/ou produto. Quando os grandes proprietários não cediam a terra, os trabalhadores transformavam-se em posseiros e ocupavam novas áreas. Conforme diz Andrade (1986, p.155) "... a agricultura desenvolveu-se mediocrementemente à sombra dos 'currais", devido à grande distância que separava aquela zona do litoral e ao elevado preço que os gêneros atingiam após o transporte por dezenas de léguas.

A pecuária, até a metade do século XX, apresentava-se ainda semi-intensiva, de modo que os bovinos eram criados soltos, pouco modificando a vegetação nativa do sertão. Já a partir dos anos 1970, com a modernização agrícola e a expansão de cultivos de grãos destinados à exportação reduzem-se as áreas de pecuária e de produtos de subsistência. Agravam-se com isso, as condições sociais daqueles que viviam como agregados, posseiros, *quarteação* ou *terças*. A modernização aumentou essa massa de excluídos social e territorialmente no sertão sertanejo com os quais o Patativa do Assaré, na sua condição de trabalhador rural, convivia e conhecia as agruras. Esse Sertão, historicamente construído que o Patativa, com o seu canto, tornou-se o intérprete dos anseios dos sertanejos.

Para Patativa, o Sertão era fonte de muitas inspirações, pois na sua paisagem,

...“Pra toda parte que eu óio

Vejo um verso se buli.

Se as vêz andando no vale
Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra,
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um diluve de rima
Caindo inriba da terra.(“Cante lá que eu canto cá”, ASSARÉ, 2004,
p.28).

O Sertão do Patativa, muitas vezes, assume aquele da exaltação.É o Sertanejo que se reconhece como tal, de dentro do Sertão, misterioso até para aqueles que pertencem a ele.

Sertão, arguém te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E, ainda, cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Que o poeta canta, canta
E ainda fica o qui cantá. (“Eu e o Sertão”, ASSARÉ,2004, p.21)

Quando Patativa do Assaré fala do Sertão e de seus homens, ele demonstra que tais homens estão inseridos na natureza, como se fossem uma parte deles, uma integração ou uma fusão. Pode-se pensar em uma “geograficidade” que assinala a relação do homem com a Terra, como “cumplicidade obrigatória “ e como modo de sua existência e de seu destino, conforme concebe Holzer (2001, p.111). Patativa tinha clareza de que a natureza e a cultura são apenas angulações de uma mesma dimensão do real. É o que revela, por exemplo,ao cantar o vaqueiro,

“Da minha vida eu me orguio,
Levo a jurema no embruio
Gosto de ver o baruio

De barbatão a corrê,
Pedras no casco rolando,
Gaios de pau estralando,
E o vaquêro atrás gritando,
Sem o perigo temê” (“O Vaquêro”, ASSARÉ, 2004, p.214)

E, também, ao explicar as “qualidades” necessárias para cantar o Sertão,

“Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá ,
Tê armoço de feijão
E a janta de mucunzá ,
Vivê pobre, sem dinhêro,
Trabaiando o dia intero,
Socado dentro do mato,
De apragata curralepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.” (“Cante lá que eu canto cá”, ASSARÉ, 2004,
p.26)

É o Sertão das Festas tradicionais:

“Em junho, o festivo mês,
Vê uma dança animada
Debaixo de uma latada
Pelo dia 23
E a turma de camponês
Na foguêra de São João,
Um ao ôtro dando a mão
Numa fulia pacata
Assando mio e batata,
É coisa de meu sertão.” (É coisa do meu sertão”, ASSARÉ, 2004, p.71).

A festa junina é revelada com suas tradições na alimentação, as crenças para o fortalecimento das relações, as danças e muitos fogos. É o Sertão festivo e alegre.

Para Amaral (1998, p.108), a festa é aquele ato que reitera ou que subverte “o modo pela qual uma sociedade se organiza num dado momento histórico”. Conforme esta autora a festa “une o passado ao presente, o presente ao futuro, a vida e a morte, o sagrado e o profano, a fantasia e a realidade, o simbólico e o concreto, os mitos e a história, o local e o global, a natureza e a cultura” (Idem, 1998, p. 109).

Del Priori (2000, p.10), ao analisar as festas do período colonial no Brasil, enfatizou o caráter funcional da festa e a oposição entre o “calendário da rotina e do trabalho dos homens” e o “tempo fáustico” contido na festa. De fato, as festas juninas, que ainda prevalecem como uma importante manifestação cultural no Sertão, são feitas no final do período da colheita e propõem a dupla comemoração do que foi obtido de produção e a pausa nas atividades de lavoura.

Segundo essa historiadora, a festa transformava-se “numa pausa nas inquietações cotidianas, num derivativo provisório, numa pontual *détente* ” (idem, p.90). As palavras de Del Priori confirmam a eficiência dos grupos excluídos em transformar o espaço e o momento festivo numa “válvula de escape”.

A valorização de festa como “válvula de escape” não é um consenso. Algumas delas são oportunas para a crítica da ordem social e, como o “fazer compadre”, o trabalho coletivo no fazer a farinhada, apartear o gado, colher o milho, produzir a rapadura, as festividades que os acompanham reforçam os laços de solidariedade, de ajuda mútua, valores da comunidade que até garantem sua sobrevivência. Festas que ainda animam áreas sertanejas.

Contudo, o sertão tem, também o seu lamento. Patativa do Assaré é sensível à dor e às labutas daqueles que ali pelejam para continuarem sobrevivendo.

Assim, o poeta popular se manifesta sobre o “caboclo roceiro”:

“Ninguém te oferece um feliz lenitivo,
És rude, cativo, não tens liberdade.

A roça é teu mundo e também tua escola,
Teu braço é a mola que move a cidade” (ASSARÉ,2004, p. 99)

Também, ao ver um agricultor com uma carga de impostos sobre o qual ele não concordava, e reclamava uma aposentadoria como trabalhador rural.

“O agricultô é desposto,
Mas nunca ajunta vintém
Se ele vende, paga imposto,
Se compra, paga também.
Seu dotô, vai de pouquinho
Mandando de lá pra cá,
Pra este meu cativêro,
Uma parte do dinhêro
Que mandei daqui pra lá.”(“Apelo de um agricultor”, ASSARÉ,2004,
p.169)

Patativa do Assaré entende que as correções sociais exigem uma transformação da realidade em todos os níveis. Para que isso ocorra, deve-se instaurar uma nova ordem. É nessa perspectiva que ele canta as mágoas próprias e de todos sertanejos como se a denúncia viabilizasse uma outra ética. É a denúncia da estrutura perversa que sustenta um mundo de desigualdades, de fartura e de pobres, de riqueza e de miséria. Por isso, ele clama por justiça, para que todos tenham acesso à cidadania e à dignidade no Sertão. E, por meio da palavra ele tenta modificar o mundo. Por exemplo:

“Pois o vento, o só, a lua,
A chuva e a terra também,
Tudo é coisa minha e sua,
Seu dotô conhece bem.
Pra se sabê disso tudo
Ninguém precisa de istudo;
Eu, sem escrevê nem lê,
Conheço desta verdade,
Seu dotô, tenha a bondade,

De uvi o que vô dizê.

O que quero nesta vida
É terra pra trabaiaá

Iscute o que to dizendo,
Seu dotô, seu coroné:
De fome tão padecendo
Meus fio e minha muié.
Sem briga, questão nem guerra,
Meça desta grande terra
Umas tarefa pra eu!
Tenha pena do agregado
Não me dêxe deserdado
Daquilo que Deus me deu.”(A terra é natura”, ASSARÉ, 2004, p.156)

Patativa do Assaré tinha expectativas de mudanças políticas para instaurar uma nova ordem social., embora não fosse afeito a fazer política. Sua crença na política está assim exemplificada:

“Quero ver do Sul ao Norte
O nosso caboclo forte
Trocar a casa de palha,
Por confortável guarida,
Quero a terra dividida
Pra quem nela trabalha.
(...) A bem do nosso progresso,
Quero o apoio do congresso
Sobre uma reforma agrária
Que venha por sua vez
Libertar o camponês
Da situação precária”.(“Eu quero”. ASSARÉ, 2004,p.117)

Considerações finais

Temos clareza que não conseguimos escapar da atração exercida pela "geografia" literária presente na obra do Patativa do Assaré. Predominou-se, pois uma tentativa para fornecer uma interpretação do texto literário, baseando-se em conceitos e análises geográficas.

Reconhece-se, atualmente, a literatura como documento social, como esclarece Claval (1999), devido à intuição sutil dos romancistas que contribuíram para uma nova percepção espacial pelos olhos dos personagens e através de suas emoções. No caso dos poemas de Patativa do Assaré, os lugares diegéticos próprios da ficção, nos quais ele situa seus personagens e contexto, articulam-se com toda evidência no mundo real. O que é descrito e cantado tem uma referência espacial e uma historicidade.

Este aspecto é reforçado por Monteiro (2002, p.94), para quem "é impossível dissociar a idéia de espaço daquela de tempo, admitindo-se os lugares como o espelho onde se encontram todas as imagens dessa magnífica dinâmica de associações e interações do homem com o seu habitat." O imaginário ficcional se desenvolve livremente, mas o sentido se enraíza fortemente nos lugares do mundo de um sertanejo, de um brasileiro.

Foram apresentados alguns poemas e análises, sobretudo, em relação ao Sertão. As reflexões feitas seguramente não esgotam o sujeito nem a riqueza da obra do Patativa do Assaré. Elas apenas afloraram, como é possível considerar, o Patativa do Assaré um intérprete do Sertão. Os trechos selecionados foram uma opção para evidenciar que o espaço, os lugares e espacialidades sertanejas estão presentificados nos cantos. De fato, Patativa revela-se, como observador, decodificador e intérprete ao evidenciar esta tensão na relação que existe entre o espaço e a sociedade. Tal como afirma Lefebve (1980, p.17-18) "a obra representa o mundo, mas é também uma visão do mundo e, finalmente, uma "tomada de posição" sobre o mundo". Os poemas nada mais são que um espaço que Patativa do Assaré iluminou e tornou encantado.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, M.G. “Em busca do poético do Sertão: um estudo de representações”. In: ALMEIDA, M. G. RATTTS, A. JP (orgs.). *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003.

AMARAL, R de C. “A alternativa da festa a brasileira”. *Sexta-Feira*, ano 2, Vol. 2. São Paulo: Pletora, 1998.

ANDRADE. M. C. de. *A Terra e o Homem no Nordeste*. 5 ed. São Paulo: ed. Atlas, 1986.

ASSARÉ, Patativa do. “Autobiografia”. *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. “Aos Poetas Clássicos”. *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. “Eu e o Sertão”. *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. “Cante lá que eu canto cá”. *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. “É coisa do meu sertão”. *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. “Vida Sertaneja”. *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. “A Festa da Natureza”. *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. “A vida aqui é assim”. *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. “Caboclo roceiro”. *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. “Seu Dotô me conhece?”. *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. “Eu quero”. ?”. *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. "A terra é natura". *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. "A foguêra de São João". *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. "O Vaquêro". *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. "O Retrato do Sertão" *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. "Coisas do meu Sertão" *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004

BOURDIEU, P. *Les règles de l'art*. Gênese et structure du champ littéraire. Paris, Seuil, 1992.

BOEURNEUF, R. ; QUELLET, R. *O universo do romance*. Tradução PEREIRA. J. C.S. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

BOLLE, W. Grande sertão.br ou: a invenção do Brasil. In: MADEIRA A. e VELOSO M. (orgs.). *Descobertas do Brasil*. Brasília: Editora da UnB, 2000.

BORDINI, M. da G. *Criação literária em Érico Veríssimo*. Porto Alegre: L&PM/EDIPUCRS, 1995.

BROSSEAU, M. "It isn't the place that does the writing": lieux et écriture chez Bukowski. *Géographie et cultures*, n. 44, hiver 2002.

_____. *Des romans-géographes, Essai*. Paris: L'Harmattan, Coll. Géographies et Cultures, 1996.

CASCUDO, L. de C. *A vaquejada nordestina e sua origem*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais-MEC. 1969.

CARVALHO, G. *Patativa do Assaré*. Pássaro Liberto. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará. 2002.

CLAVAL., P. tradução L. F.P. e M.C.A.P. *Geografia cultural*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

_____. Campo e Perspectivas da Geografia Cultural. In: CORRÊA. R.L. et al (orgs.). *Geografia Cultural: Um Século(3)*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2002.

COSTA, J. B. de A..Cerrados Norte Mineiros: populações tradicionais e suas identidades territoriais. In: ALMEIDA M. G. (org.) *Tantos Cerrados*. Goiânia: Editora Vieira, 2005.

CUNHA, E da. *Os Sertões*. São Paulo: Ática, 1999.

DEL PRIORI, M. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DINIZ, J. A. Felizola. *A condição camponesa em Sergipe: desigualdade e persistência da agricultura familiar* – Aracaju: NPGeo, 1996

ESPINDOLA, H. S. *Um olhar sobre a paisagem mineira do século XIX: os sertões são vários*. Disponível em: <http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/CMS/ccms17.htm> Acesso em 04 nov.2004.

HOLZER, W. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. ROSEN DAHL, Z. CORREA, R. L.(orgs). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 103-122.

LEFEBVE, M. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. Coimbra: Almedina, 1980.

MENEZES, S.S. *Vaquejada: a pega de boi na caatinga resiste no Sertão Sergipano*. (texto mimeografado), 2007.

MONTEIRO, C. A. F. *O mapas e Trama*, ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Ed.UFSC, 2002.

NOGUÉ, J. ALBET, A. "Cartografia de los câmbios sociales y culturales". In: ROMERO, J. et alli. *Geografia Humana*. Barcelona: Ariel, 2004.

ROSA, J.G. *Grande Sertão: Veredas*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1968.

SEEMANN, J. Geografia, Geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri-Ceará. *Revista Ateliê Geográfico*, Revista eletrônica UFG, vol.1, n,1, setembro de 2007, 50-73.

TISSIER, J. Géographie et Litterature. In: BAILLY, A.; FERRAS, R; PUMAIN, D, (Sous la direction). *Encyclopédie de Géographie*. Paris: Economica, 1992.

